



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

O ASSEIO NOS INSECTOS

POR ANÃO SABICHÃO

Desenhos de A. CASTANÉ

Parece que ouço a voz de todas as mamãs de todos os meninos, sempre recomendando aos filhos: Lavem bem as mãos!... Lavem bem a cara!... — E, cheias de zêlo, á hora do banho geral, esfregando-lhes, ensaboando-lhes os corpinhos, para que a pele se conserve sempre livre de impurezas e sujidades.

Também ouço, — em imaginação, já se vê! — a voz rabujenta de vários meninos rabujentos:

— O' Mãishna, as orelhas não!... Têm tantas voltinhas, tantas preguinhas!...

E, ainda os mais teimosos e os que mais embirram com as lavagens, choramingam arrelientos.

— A água está tão fria!... O sabão entra-me pelos olhos!... e muitas e muitas rabujices, bem pouco dignas do menino civilizado e inteligente.

Pois é, principalmente, a êsses que eu peço

que leiam, com tôda a atenção, o que hoje aqui deixo escrito.

Calculem que o bichinho, tão pequenino, mas tão espertinho que é a formiga, nunca precisou — envergonhem-se, meninos que fazem cara feia ás limpezas! — de ser ensinado, nem teimado, para cuidar da sua higiene, que é, como quem diz, para se conservar muito asseadinho!

Apesar da necessidade que têm de andar sempre sôbre a terra e dentro dela, de lidarem com a poeira e a porcaria do chão, as formigas conservam-se limpiíssimas! As suas antenas que são extremamente sensíveis e delicadas, estão sempre irrepreensivelmente livres de todas as sujidades.

Isto é devido a um órgão-pente — chamemos-lhe assim — que êles possuem. Este pente está colocado em frente dum outro contra-pente húmido, que lhes serve para a limpeza. A poeira acumulada no contra-pente, é limpa pelos dentes do outro.





Perceberam, meus amiguinhos?
Quando as formigas se sujam, quanto tempo levam para fazer a sua toilette.

E' isto que o vosso Anão queria que os meninos observassem!

Se virem uma formiga numa atitude muito contrafeita, reparem para o que ela está fazendo.

A's vezes, também se vêem duas formigas paradas, diante uma da outra.

Com as mandíbulas abertas, uma delas lambe a companheira, para a limpar, cuidadosamente.

Igualmente, as abelhas usam uma espécie de escôva!

Trazem-na nas patinhas para levar o pólen e limpar a entrada da colmeia.

O sistema adoptado, tanto pelas formigas, como pelas abelhas, mete num chinelo a organização higiénica das grandes cidades.

Nas cidades as ruas limpam-se uma vez ao dia.

Pois no reino das formigas esta operação é feita, constantemente, de manhã até á noite!

Uma data de formiguinhas operárias, numa azáfama, andam sempre ocupadas, a limpar o formigueiro e tudo o que o rodeia.

Não consentem os cemitérios dentro das suas cidades, á moda dos homens!

Nos seus compartimentos subterrâneos, nunca se vê nenhuma porcaria!



E em quantas elas tocam!

Pelas de larva, cadáveres de outros bichinhos e tôda a qualidade de detritos, vai tudo parar á uns buracos que são os fossos, os esterqueiros, enfim o barril do lixo dos formigueiros!



E o cemitério dêste exército, tão asseado?

E' também num compartimento, só diferente dos outros, por servir para as formigas mortas.

Mas, até para isso, os inteligentes bichinhos procuram o lado mais sêco do formigueiro porque faz menos mal deixar ali apodrecer os corpos que do lado mais húmido.

Assim que uma formiga morre, logo as companheiras a rodeiam e a carregam para a fossa cemitério.

Lembram-se, com certeza, meus amiguinhos que, um dia, lhes fiz a promessa de contar-lhes, de vez em quando, coisas interessantes sôbre as formigas e vários outros insectos.

Vejam se não lhes trouxe hoje, aqui, um exemplo, na organização de limpeza dêstes inteligentísimos animaisinhos?

Até para gente crescida, quanto mais para certos meninos rabujentos, qüesilentos e renitentes á água fria e ao sabão?

■ F I M ■

MENINOS:— APROXIMA-SE O DIA DE NATAL!

O MELHOR PRESENTE QUE PODEM VIR A TER É O
«PRESENTE DE NATAL»

LIVRO de HISTORIAS e POESIAS INFANTIS, ESCRITO

POR GRACIETTE BRANCO e AUGUSTO de SANTA-RITA

POSTO Á VENDA POR EDITORIAL-SEculo ao PREÇO de 5 ESCUDOS

CONSEQUÊNCIAS DUM BOATO

por FELIZ COSTA VENTURA

DESENHOS DE A. CASTAÑÉ

— Onde vai, comadre galinha, assim tão apressada?! — perguntou a pata marréquinha que andava, toda contente, chapinhando numa póça de água.

— Onde vou?! Então a comadre ainda não sabe da patifaria que nos vão fazer?! — perguntou a galinha, parando, toda afogueada pela pressa com que vinha.

— Não sei de nada! — disse a pata.

— Parece impossível! Pois então oiça: Ouí contar agora à cozinheira que nos vão dar uma farinha especial para nós pormos mais ovos, e, depois de fazerem com eles todas as guloseimas de que a nossa patrão precisa, seremos quasi todas degoladas, a-fim-de irmos servir de azeite a um grande banquete que vão dar no palacete. Não acha a comadrinha que, se os nossos donos tivessem vergonha, nos deviam tratar sempre com respeito, pois nós andamos aqui a estafarmo-nos a pôr ovos, e mais ovos, para, depois, nos fazerem uma coisa destas?! Eu nem quero acreditar. Parece impossível!

— dizia a galinha, passeando, num passo agitado, dum lado para o outro.

— Mas oiça cá, comadre! — interrompeu a pata. Não serão, apenas, boatos?

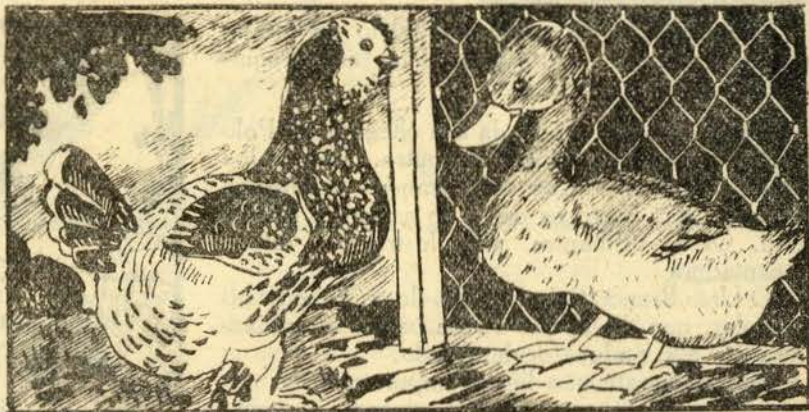
— Boatos? A comadre está tonta. Olhe que eu não pertenco à gente bisbilhoteira nem mentirosa. A comadre há-de lembrar-se, ainda, do meu pai, aquele galo preto e luzidio que era a honradez em pessoa, e que, se não fóra a maldita cozinheira, ainda hoje era vivo! — exclamou a galinha, toda ofendida.

— Ora, não vale a pena exaltar-se! Isto eram simples perguntas minhas, sem intenção de a melindrar! — respondeu a pata, toda enfiada.

— Bem, bem, deixemos esse assunto. Tenho que ir avisar todas as nossas companheiras de que deverão fazer uma greve, pois a nossa senhora dona não há-de levar esta pela melhor.

— Vamos, comadre, que eu também vou.

E lá abalaram as duas em doida



correria para avisarem todos os habitantes do parque da Laranjinha.

Quando chegaram à casa da D. Perua, já atrás da galinha e da pata seguia uma massa enorme de animais que, em atitude revolucionária, gritava: «Viva a greve! Abaixo os tiranos!» — fazendo um barulho ensurdecedor.

Chegados à porta do comendador Rólo, a galinha fez alto. Depois de estabelecido o silêncio, começou ela bamboleando-se, toda vaidosa:

— Meus amigos: Devido à minha intervenção e a estar sempre atenta, é que nós não fomos apanhados de surpresa, pois tudo se combinava para sermos reduzidos a menos de metade. E em regozijo dessa minha façanha, dou um viva pela greve!

E a galinha levantou a voz e gritou:

— Viva a greve! Abaixo os tiranos!

— Viva-a-a-a!!!... — reboou, também, em baixo, o grito dos revolucionários.

Passaram-se dias. Como tinha sido decretada a greve, todas as comidas trazidas pela criada, encarregada da criação, ficavam intactas, com grande surpresa desta. Toda a criação andava magra e esquelética e um princípio

de revolta se notava já na maior parte dos animais.

Até que, um dia, uma franga, que era tida como muito esperta, foi a correr participar, à assistência embaçada, o seguinte:

O Dr. Jorge, dono do palacete, tinha comprado à filha uma quantidade de animais em celuloide, tais como: galos, galinhas, patos etc. Ora essa menina convidara algumas amigas para brincarem no parque às senhoras, e no meio duma conversa, travada entre duas garotas, as quais estavam falando sobre um projectado jantar, tal facto deu causa ao alarme da galinha que andava por ali esgaravatando.

A franga foi muito felicitada pela sua esperteza.

A galinha fugiu envergonhada por tamanho fiasco.

Vêem, meus meninos?!... Se a galinha não fosse bisbilhoteira, não teria dado o falso alarme a ponto de promoverem uma greve.

Sêjam, pois, prudentes! Não dêem nunca ouvidos aos boatos.

◀ F I M ▶





Por
LEONOR DE CAMPOS

(Continuação do conto publicado no último «Pim-Pam-Pum» — A menina Ursa está fraquinha).

Duas semanas depois da sua chegada ao Polo Norte, a menina Ursinha era outra. Tinham-lhe voltado as forças e os seus grandes caninos já rilhavam sem custo os ossos de carneiro. Engordara. Olhos brilhantes, pêlo lustroso ... estava encantadora ...

O Urso Branco Peludo, filho do sr. Urso Branco Polar, que desde que vira a prima se apaixonara por ela, andava deslumbrado.

Mas a ingrata não ligava importancia ao primo. Só pensava em comer ... comer ... comer ... quasi até rebentar.

Num dia o Urso Peludo resolveu declarar-lhe o seu amor.

Foi procurar a Ursinha e disse-lhe :

«Minha linda prima :
apenas a vi,
o meu coração,
ficou prêso a si.

Se a prima quiser
aceitar-me já,
para nos casarmos
falo ao seu papá !...»

A Ursinha Parda, entretida a lamber um pote com mel, não respondeu logo. Só depois de acabar a refeição, ainda a saborear uns resquícios de mel que tinham ficado agarrados ao nariz e que ela tirava com a lingua, se dignou falar :



Sim, sim, pode ser !
Podemos casar !...
Mas que me dará
P'ra me sustentar ?

Mel, mel, muito mel ?
Frutas, muitas frutas ?
Moscas e cabritos ?
Enguias e trutas ?

O Urso Peludo ficou um pouco desconsolado com a resposta da prima. Mas como gostava muito dela, lá lhe arranjou desculpas para a sua glotonaria.

Tratou logo de a pedir em casamento. E ficou resolvido que a cerimónia se realizaria apenas expirasse o mês que o Doutor Urso Cinzento tinha marcado para a cura completa da Ursinha Parda.

Esta continuou a comer como uma desesperada. De maneira que, poucos dias antes do casamento, quasi nem podia mover-se, de gorda que estava.

O noivo andava um tanto aborrecido. As con-





versas da Ursinha eram apenas sôbre comidas. Não havia forma de a obrigar a interessar-se por outros assuntos. A's vezes perguntava-lhe êle :

—«Gostas de mim, Ursinha ?»

E ela respondia :

—«Gosto. E também gosto de focas !...»

Outras vezes perguntava-lhe :

—«Quando casarmos, onde queres morar ? Aqui ou na Escandinávia ?»

—«Onde, quizeres !... Contanto que seja em sítio onde haja bastantes bichos para comermos; é-me indiferente !...»

Ora nas vésperas do casamento, a Ursinha teve uma idéa :

—«Ouve cá, Urso Peludo. O que comes tu ?»

—«Cômo focas e cetáceos pequenos.»

—«É carneiros, também comes ?»

—«Não ! Tu bem sabes que os ursos branco não gostam disso ...»

—«Pois, então, meu rico, já não caso contigo. Era engraçado se eu, pertencente a ilustre família dos Ursos Pardos, que comem tudo o que aparece, ia casar com um lambisgoia dum urso branco, todo esquisito em comidas !...»

—«Mas, Ursinha, isso é disparate !... Então tu não queres casar comigo por motivo tão insignificante ? !...»

—«Insignificante, não. Um urso com tão má boca não me serve !... Davas mau exemplo aos filhos !... Além disso, deves ter pouca força, visto que te alimentas mal ...»

—«Enganas-te ! — retorquiu o Urso Branco Peludo. — Tenho fôrça e não é pouca. E escusas de estar a desdenhar de mim, porque — já agora deixa-me desabafar — valho bem mais do que tu. É a mim que o homem procura com mais frequência para aproveitar a minha linda pele. Sou o campeão de natação dos ursos ... Como mergulhador, nenhum me leva a palma !...»

—«Pois sim — respondeu a Ursinha, cheia de raiva — Tudo isso é muito certo. Mas a subir és um desgraçado !...»

—«Não sou tanto como julgas. E senão ... vamos a um desafio :

Vamos lá ver qual de nós é capaz de subir mais depressa áquela montanha de neve. Valeu ?»

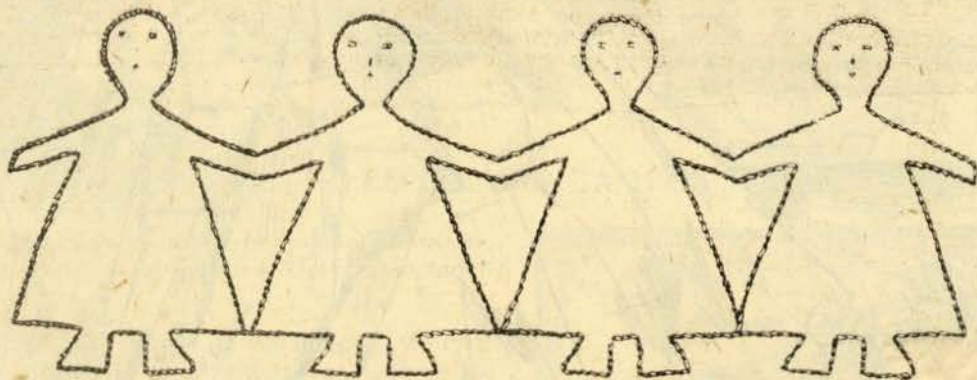
Porque — toda a gente sabe — só o urso branco, dotado duma pelagem abundantíssima e espessa, com pêlos até nas plantas dos pés, consegue aguentar-se bem sôbre a neve, sem deslizar.

Dirigiram-se, pois, ambos os ursos para a montanha de neve. E, como é de presumir, o Urso Branco Peludo trepou-a rápidamente, enquanto a Ursinha Parda, reboluda e comilona, ao chegar a meio da montanha escorregou e... ze...e...e... veio ás cambalhotas por ali abaixo.

Lá se levantou conforme pôde, muito envergonhada e no dia seguinte regressava á sua terra, solteira e tristonha.

■ ■ ■ F I M ■ ■ ■





O CESTINHO da COSTURA

Pequeninas:

A pedido da Luiza, publico, hoje, o friso das bonecas de papel, uma barra original para os vossos trabalhos.

Que dirão as abelhinhas a um bibe bordado com esta barra?

E o guardanapo do bebé, o saco de trabalho, um saquinho de guardanapos, outros diversos *sachets*, etc?

Não acham que ficarão engraçados?

Podem, portanto, dar-lhe imensas aplicações, pois em todas elas resultará bem.

Para este bordado continuem a empregar o

ponto pé de flôr ou ponto cadeia, que executarão com algodão *perlé* D. M. C., empregando só uma côr, a que lhes parecer mais bonita.

Habituem-se a ter um certo gôsto!

Vossa

ABELHA MESTRA

MIMI — Não me foi possível satisfazer, ainda, o teu pedido; vê se, para o dia 8 de Dezembro, podes aproveitar alguma das minhas sugestões.

ROSELINE — O próximo Cestinho da Costura ser-te-há dedicado. Desta vez é certo!

PALAVRAS CRUZADAS

SOLUÇÃO DO PROBLEMA ANTERIOR

X	1	2	3	4	5	6	7
1		L	A	V	R	A	
2	M	A	R	I	O	L	A
3	A		A	T	E		M
4	R	A		O		P	A
5	U	S	U	R	P	A	R
6	L	A		I		I	R
7	H		P	A	R		A
8	A	T	A	V	I	A	R
9		A	N	A	S	O	

D. Rufa-Tramagal

ADIVINHA
Substituir os pontos por letras formando assim nomes de frutos.

P E R A
 L A P E N J A
 P R U D E N C I O
 U V A
 M A R M E L O
 A M E L A N C O
 T O
 N A C A
 A P E R N E I R O
 T A B E I R A
 M E L A N C O
 M O R A N G O

X	1	2	3	4	5	6	7	8
1		M	A	N	V	E	L	
2	M	O		A	V		E	L
3	A		V	O	A	R		A
4	N	A	O			A	L	M
5	U	V	A			M	A	E
6	E		R	A	M	O		G
7	L	E		L	A		M	O
8		L	A	M	E	G	O	

D. Rufa-Tramagal

CONCURSO EPISTOLAR

A DIVINHA

Queridos amiguinhos:

Cada dia que passa, cada remessa de encantadoras cartinhas que o correio pontualmente me traz. Sinto-me contentíssima e cada vez mais enternecida pelas boas palavras que me dirigem e que guardo no fundo do coração.

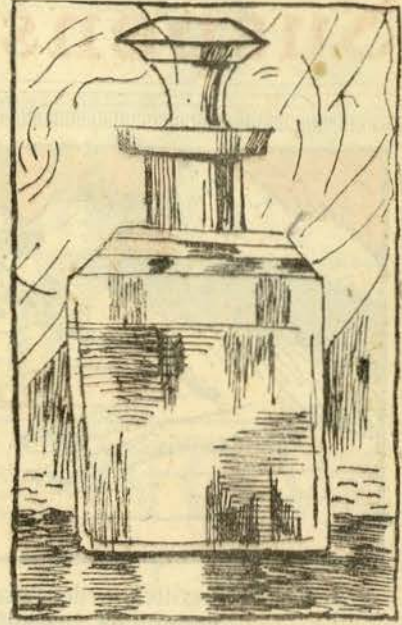
Dizem-se, todos, muito meus amiguinhos e não duvido um momento sequer, das simples e espontâneas frases, escritas por mãos tão pequeninas e ditadas por corações tão tenros.

Muito lhes agradeço, também, por terem compreendido o meu desejo e por me enviarem sempre cartinhas, sem *intervenção alheia*...

Dou, a seguir, a nota de mais alguns nomes dos queridos amiguinhos que me tem escrito, não podendo dar a lista completa dos maços que, diariamente, recebo, por absoluta falta de espaço. Contudo, irei, todas as semanas, mencionando os nomes, conforme o espaço que tiver.

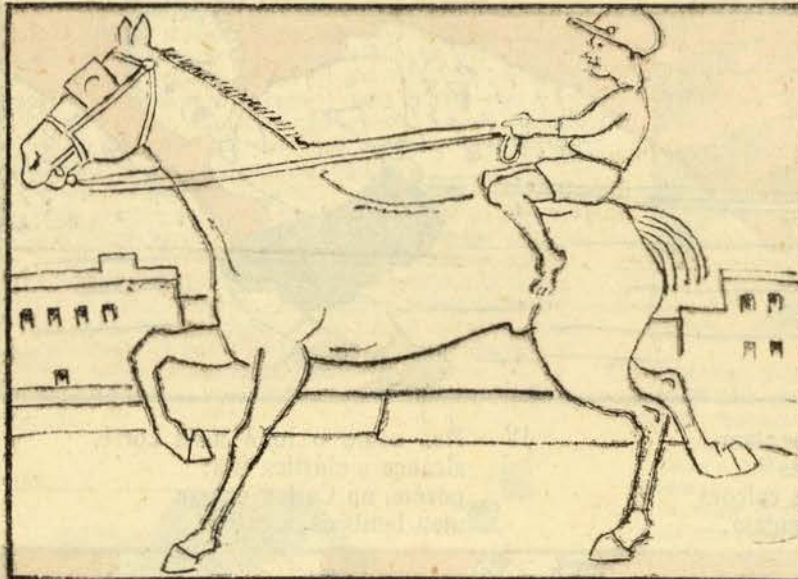
Maria do Rosário Pratas, Fernanda Natália Alves Cardoso, Corália Regalo

Correia, Isaura Maria da Silva Pan cada, Maria de Almeida Rodrigue^s Gonçalves, Júlio Afonso Simões, Maria de Lourdes Monteiro Palma, Maria Helena Pina, Carlos Bernardo Mendes Paulo, Maria Luiza Peres, Maria Adelaide Moreira Assis, Edite Vitória de Melo e Silva, Maria Gabriela M. Ramalho, Maria Irène d'Oliveira, Maria Amélia Casinhas, Odette da Conceição Correia Guerreiro Mendes, Armanda Marta Pires, Odete Maria da Silva Pestana, Alberto Ferreira, Maria da Conceição dos Santos, Maria Cândida Gonçalves, Eulália da Conceição Rato, Edite Pais Costa, Aurora Nogueira Oliveira, Amélia dos Anjos Pereira, Emília da Conceição Ferreira, Elisa Maria Carapito Silva, Maria Gabriela Martins Ramalho, Mariazinha, Maria Celeste Gomes da Silva, Arminda da Conceição Miranda Machado, Ana Emilia Martins, Maria Henriqueta Albuquerque Ferreira, Dácio Brandão de Sousa Galião, Maria Manuela, Luís Joaquim Felix da Costa, José de Campos Rodrigues, José Ro-



Advinhem onde se encontra a dona deste frasco de perfume

PARA OS MENINOS COLORIREM



drigo Narciso Furtado, Manuel Alexandre Caetano, Aura Fernandes Carriho, Alberto Rodrigues, Vitor Manuel Barata, Maria Martins, Maria Rodrigues, Henrique Eugénio da Silva, João António dos Santos, Carlos Almeida Lourenço, Maria Alice de Matos, Natália da Encarnação Serrão e Silva, Maria Rita Gonçalves Diniz, Maria Gertrudes Assunção da Silva, Afonso Antunes de Castro, Maria Manuela Henriques, Dolilia Adelino da Silva Mendes Serra, Vitaliano A. Cazinhas, Ivone da Conceição Marques Neto, Maria Natália de Oliveira Coelho.

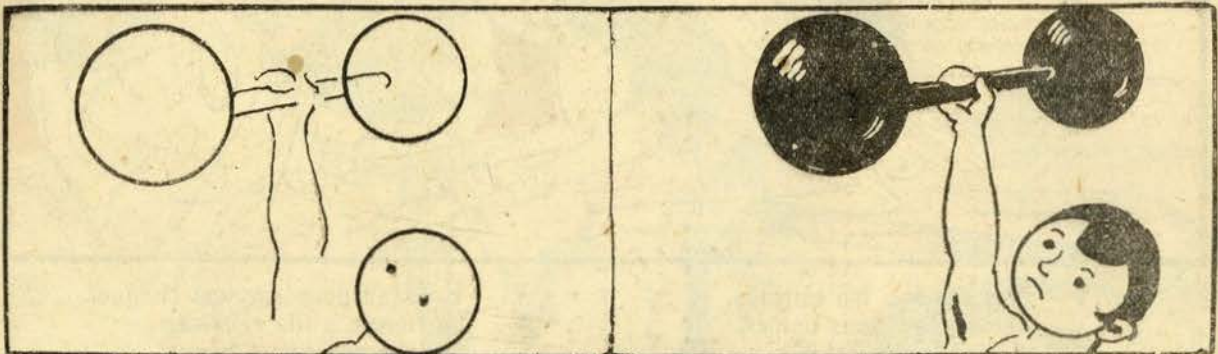
A todos, muitos beijinhos da amiguinha e madrinha

GRACIETTE

Correspondência

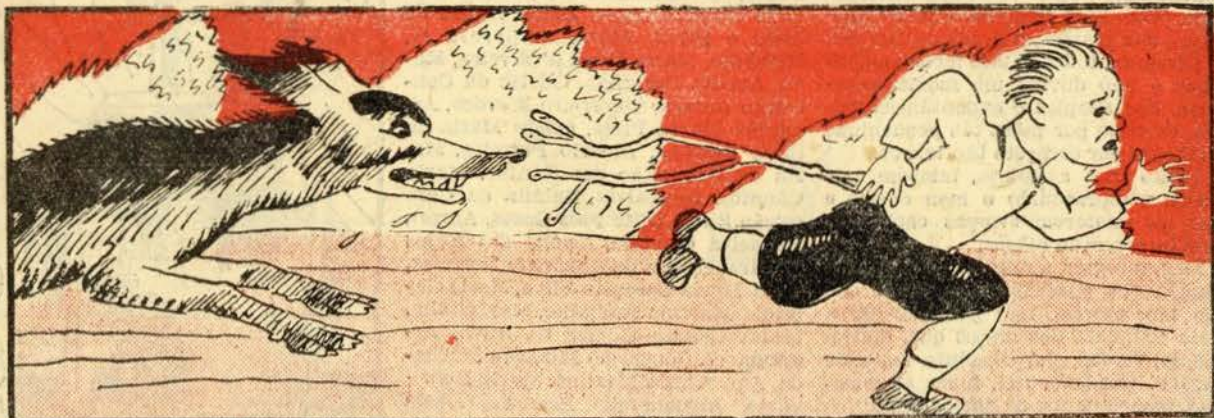
MARIA DE ALEM-MAR. — Desejando publicar a colaboração de V. Ex.^a, incluindo-a no número dos futuros colaboradores, o nosso director, Sr. Santa-Rita, roga-lhe a fineza de enviar a sua direcção, a-fim de lhe escrever nesse sentido.

LIÇÃO DE DESENHO



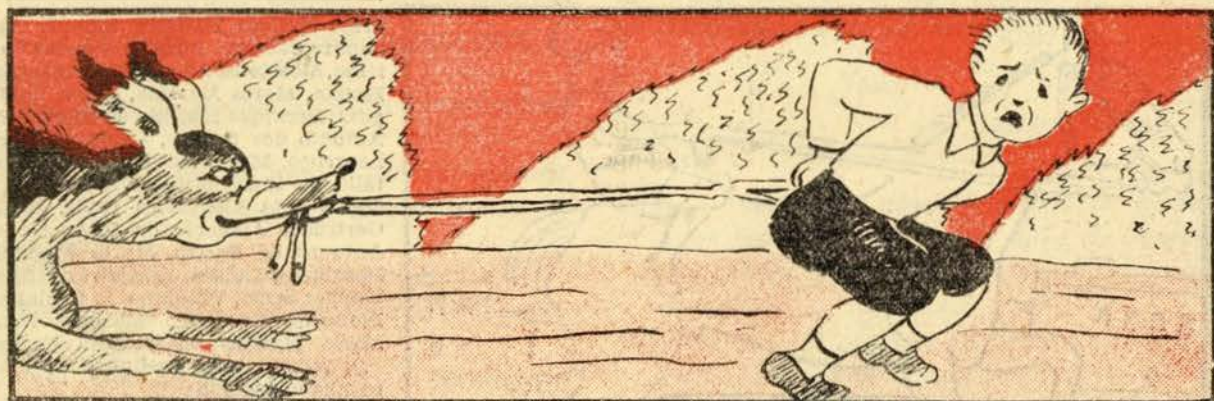
COMO SE DESENHA UM MENINO ATLETA

Suspensórios salvadores



I — Carlitos, — dos mais finórios garotos da sua aldeia, — estreou uns suspensórios e já com eles passeia.

II — Entre a riquíssima Flora, ei-lo a gozar, num arroubo, a paisagem sedutora... Mas, nisto... aparece um lobo.



III — Carlitos foge... Rebantam, na correria, os botões que, pela frente, aos calções os suspensórios aguentam.

IV — Mas como o lobo mais corre, alcança a elástica fita; porém, ao Carlos ocorre uma lembrança catita!



V — Pois vendo-a tão esticada, decide, com seus botões, desligá-la dos calções, em fuga precipitada.

VI — E os suspensórios em cheque, por terem a fita elástica, ao lobo achatam o bêque, amachucando-lhe a plástica.